

CYRO DE MATTOS

Ilustrações

EVANDRO LUIZ

HISTÓRIAS DO MUNDO QUE SE FOI (e outras histórias)

*Prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira
de Escritores (RJ), 1997*

Selecionado para o PNLD-SP/2004

*Obra adquirida pela Fundação
Luís Eduardo Magalhães*



4ª edição

5ª tiragem, 2018.

CL: 810027
CAE: 571330

Copyright © Cyro de Mattos, 2003

Editor: ROGÉRIO GASTALDO
Assistente editorial: KANDY SGARBI SARAIVA
Secretária editorial: ANDREIA PEREIRA
Suplemento de trabalho: ROSANE PAMPLONA
Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO
Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA
Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS
Layout de capa: ANTONIO ROBERTO BRESSAN
Projeto gráfico e diagramação: SETUP BUREAU E
EDITORAÇÃO
ELETRÔNICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mattos, Cyro de

Histórias do mundo que se foi (e outras histórias) / Cyro de Mattos ; ilustrações Evandro Luiz. — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-07957-1

1. Literatura infantojuvenil I. Luiz, Evandro. II. Título.
III. Série.

02-5968

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

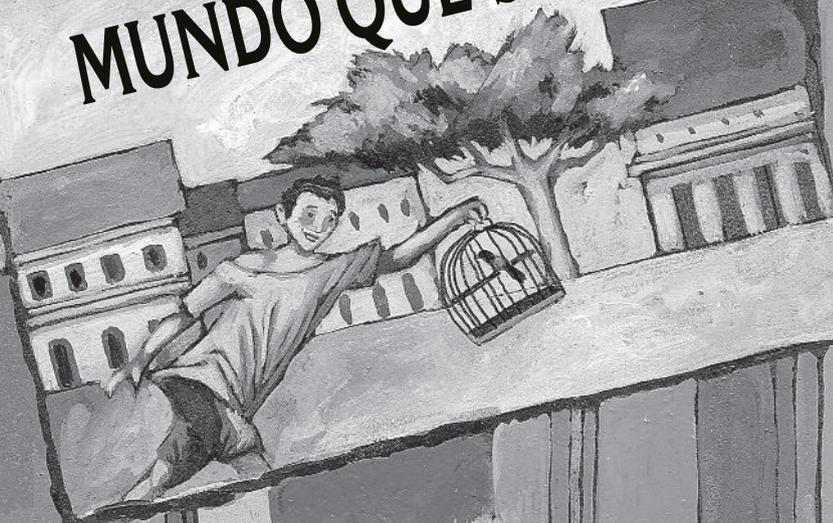
Todos os direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.

Dedico a todos os meninos
que viveram comigo a aventura
da infância.

SUMÁRIO

HISTÓRIAS DO MUNDO QUE SE FOI	9
○ tempo era lindo	11
As uvas do delegado	17
Um herói em minha ilha	20
Lição de amor	26
Os dias guardados no coração	29
HISTÓRIAS DIVERTIDAS	37
Dona Joventina, uma grande heroína	39
○ Ano-Novo de Pedro Cotia com o filho Peri Cantoria	45
HISTÓRIAS SINGULARES	51
A moça e o globo da morte	53
Passarinho nas mangueiras	57
○ velho que adivinhava	61
○ menino e o vento	64
○ homem que não conhecia Deus	68

HISTÓRIAS DO MUNDO QUE SE FOI



O tempo era lindo



É preciso ter vivido muitos anos para saber que a recordação de certos fatos e coisas nada mais é do que saudade da vida que passa com os dias, semanas e meses. As pessoas, bichos, casas e ruas fogem como nuvens, ninguém pode retê-los. Infelizmente.



Nossa rua era estreita, iluminava-se nas férias com os gritos dos meninos. Natural que no jogo de bola acontecesse a disputa acalorada. Sustos com a vidraça quebrada da mulher gorda, que a um só tempo chegava no batente da porta e furava a bola. Mas não encontrava um menino sequer para perguntar agitada quem foi o pestinha que agora tinha dado a ela aquele prejuízo grande.



Em nossa rua o estilingue mais certo era o do irmão. Ao cair da tarde, ele chegava com a capanga* cheia de passarinhos.

* Espécie de bolsa pequena usada a tiracolo para conduzir objetos pequenos.

Eram abatidos nas palmeiras do jardim da Prefeitura e nos quintais frutíferos espalhados pela cidade. Ninguém duvidasse da pontaria dele. Podia até o amigo ficar com o nariz quebrado, ao receber um murro bem dado, se caísse na besteira de dizer que ali na rua o estilingue mais certo não era o do irmão. O irmão era mesmo o maioral em qualquer brincadeira ou aventura. Cada balaço que ele desferia com o estilingue acertava até em passarinho arisco, pulando nos galhos altos da árvore.



Todas as manhãs, o homem passava com o tabuleiro de verduras na cabeça, a rua ficava impregnada com o aroma vindo do verde. Colorida com o roxo da beterraba, o verde do repolho, o laranja da cenoura. Ah, viver era uma canção verde nascida da voz do verdureiro. Propagava-se no som quente que vinha dos meninos, colhendo coentro nos passeios, abóbora nas valetas, couve-flor no calçamento.



Nossa casa era pequena, ficava no quarteirão onde estavam a padaria de um lado e o açougue do outro. Acordava cedinho, do meu quarto escutava o barulho das vozes que vinha do açougue. Parecia que ali o mundo era pequeno para caber tanta gente. Um barulho intenso misturava vozes lá dentro. Certamente todos queriam ser atendidos de uma só vez, cada um multiplicava a voz para comprar a parte melhor da carne bovina. Pedia a bênção aos pais, lavava o rosto depressa e corria para a janela. O irmão já tinha ido comprar o pão e a carne fresca. No açougue, machadadas cortavam ossos e postas de carne sobre o cepo grande da jaqueira. O barulho das vozes continuava lá dentro.



Na janela requeitava-me com os raios de sol, coando a manhã fresca.